

**UMA ANÁLISE DA TRÍADE
BANTU – UMBANDA,
REINADO E CANDOMBLÉ DE
ANGOLA – NO CENTRO
ESPÍRITA SÃO SEBASTIÃO
(CESS)**

*AN ANALYSIS OF THE BANTU
TRIAD – UMBANDA, REINADO AND
CANDOMBLÉ DE ANGOLA – AT THE
CENTRO ESPÍRITA SÃO SEBASTIÃO
(CESS)*

Zuleica do Carmo Garcia de Barcelos

Mestra em Ciências da Religião pela PUC-MG. Bolsista parcial no programa de bolsa interna da PUC/MG – Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Contato: zuleicacgbarcelos@gmail.com

Resumo: Esse artigo tem como proposta analisar três tradições religiosas afro-brasileiras – umbanda, reinado e candomblé de Angola – no Centro Espírita São Sebastião (CESS). Partindo da vertente que o espaço geográfico utilizado pelas três manifestações seja o mesmo, o estudo permitirá compreender como essas sobrevivem em um mesmo local sagrado assegurando e demarcando suas identidades específicas. Identidades já legitimadas por sua historicidade e suas tradições culturais. Para tanto, foi necessário a coleta de dados através da observação, além de informações ouvidas e registradas, como também o suporte de pesquisadores teóricos com embasamento para a escrita. A pesquisa permitiu ao final compreender como a identidade legitimada é necessária para assegurar os ritos, a liturgia e a fé de seus seguidores.

Palavras-chave: Umbanda. Reinado. Candomblé. CESS.

Abstract: This article aims to analyze three Afro-Brazilian religious traditions – Umbanda, Reign and Candomblé of Angola – at Centro Espírita São Sebastião (CESS). Assuming that the geographic space used by the three manifestations is the same, the study will allow us to understand how they survive in the same sacred place, ensuring and demarcating their specific identities. Identities already legitimized by their historicity and their cultural traditions. Therefore, it was necessary to collect data through observation, in addition to information heard and recorded, as well as the support of theoretical researchers with a basis for writing. The research allowed, in the end, to understand how the legitimized identity is necessary to ensure the rites, the liturgy and the faith of its followers.

Keywords: Umbanda. Reinado. Candomblé. CESS.

Introdução

Por se tratar de uma sociedade culturalmente plural, as tradições religiosas afro-brasileiras tornam-se carregadas de estigmas sociais e culturais que estão enraizados na sociedade sem que essa ao menos conheça a sua verdadeira história. Dessa forma, há uma necessidade urgente de que as pesquisas desenvolvidas sobre as tradições religiosas afro-brasileiras ganhem mais espaço diante do número de estudos produzidos sobre manifestações religiosas hegemônicas. Conhecer e

entender a verdadeira história das tradições religiosas afro-brasileiras pode diminuir o preconceito e o pré-conceito existentes que tanto assolam os adeptos dessas religiões.

O tema proposto, *“Uma análise da tríade Bantu – Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola – no Centro Espírita São Sebastião (CESS)”*, visa pesquisar de forma sistemática a legitimação das identidades da tríade Bantu, no Centro Espírita São Sebastião (CESS). O objeto material será a tríade Bantu, que é composta por três tradições afro-brasileiras: Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola, cultuadas em um mesmo território, o CESS, localizado no bairro Sagrada Família, em Belo Horizonte. O termo “tríade Bantu” será usado durante a pesquisa não com o intuito de simplificar as manifestações existentes na casa a ser pesquisada, mas, manter a utilização do mesmo em respeito a denominação dada por sua fundadora e a sua continuidade através do atual sacerdote, Tatetu Yalêmi¹.

O artigo permitirá compreender: a) os fenômenos religiosos em questão; b) a sobrevivência de três tradições religiosas afro-brasileiras utilizando o mesmo espaço; e c) como a legitimação das identidades da tríade permitem o trânsito de seus adeptos. A coleta de dados ocorreu através da observação da pesquisadora durante as sessões específicas de cada religião, dos ritos de cada manifestação e de diálogos com os adeptos do terreiro Centro Espírita São Sebastião. Já o material bibliográfico permitiu o suporte aos dados colhidos.

Centro Espírita São Sebastião (CESS) – Uma casa, uma história

O Centro Espírita São Sebastião (CESS) encontra-se localizado em um dos bairros mais antigos e tradicionais de Belo Horizonte, o bairro Sagrada Família. Fruto das primeiras vilas surgidas na capital mineira fora do perímetro da Avenida do Contorno, o bairro começou a ser povoado no início do século XX, quando a fazenda de Altamiro Corrêa demarcou lotes e os vendeu por quatrocentos mil réis cada. Os nomes de algumas ruas são em homenagem aos familiares de um dos primeiros

¹ Dijina do sacerdote da casa, ou seja, Yalêmi, nome dado após cumprir o rito de iniciação. Tatetu, babalorixá; pai.

moradores do bairro, o coronel João Gualberto, marido de dona Maria Brasilina, proprietários de uma das três fazendas que formaram o bairro.

Algumas versões são encontradas atualmente sobre a origem do nome do bairro. A primeira história sugere que dona Maria Brasilina tenha solicitado ao coronel João Gualberto, em 1913, a montagem do presépio do Pipiripau à margem do Córrego da Mata, o que a inspirou chamar o bairro de Sagrada Família. Porém, em uma segunda versão, alguns moradores contam que, no início da década de 40, o padre alemão Idelfonso Beu construiu a igreja da Sagrada Família e resolvendo mudar o astral da vila, que era considerada uma periferia perigosa e procurada para trabalhos de magia negra, escolhendo assim, um nome católico. A primeira missa foi celebrada na primeira capela do bairro à rua João Carlos, esquina com a rua Conselheiro Lafaiete. Nessa época, por solicitação dos moradores, uma cruz foi colocada na rua São Lázaro, quase esquina com a rua São Luiz, local onde se realizavam as missas aos domingos.

O Centro Espírita São Sebastião (CESS) foi fundado nos anos quarenta, no bairro Sagrada Família, pela médium senhora Cecília Félix dos Santos, tornando-se um dos centros espíritas mais importantes e tradicionais de Belo Horizonte. A fundação do CESS deu-se em tempos de “perseguições, discriminações e cerceamentos dos direitos civis, políticos e religiosos, coincidindo com a fundação de vários outros”². Pode-se observar que a expressão “centro espírita” visa ocultar as raízes africanas das manifestações religiosas que eram ali celebradas, evitando possíveis retaliações. Vagner Silva relata que “tanto a presença física e institucional do terreiro foi motivo de perseguições, além da discriminação social”³.

Para que as manifestações religiosas de matriz africana pudessem acontecer, era necessário passarem pela apreciação do Estado e da polícia. Qualquer manifestação que não fosse a judaico-cristã era vista como marginalizada pela classe social dominante, tendo suas celebrações inferiorizadas, já que as práticas das tradições religiosas afro-brasileiras eram tidas como profanas. Para que as práticas

² SANTOS, Guaraci Maximiano dos. *Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola: uma tríade Bantu na promoção da vida responsável*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2015. p. 37.

³ SILVA, Vagner Gonçalves da. *Orixás da metrópole*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 165.

pudessem ser exercidas, algumas medidas burocráticas eram exigidas dos donos de terreiro (casas de práticas umbandistas). O documento de 26 de setembro de 1959, expedido pelo Departamento de Costumes, Jogos e Diversões da Chefia de Polícia do Estado de Minas Gerais, por meio do delegado deste setor, Dr. Virgílio Soares de Souza Lima, ilustra perfeitamente a exigência.

A tríade Bantu do Centro Espírita São Sebastião tem origem através da história de vida da dona Cecília Félix dos Santos⁴, fundadora do mesmo. Nascida no município de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, no distrito de Vera Cruz, dona Cecília sofria com as manifestações que começaram a ocorrer na adolescência sob forma de vozes, visões, sonhos, desmaios, tonturas, fadigas, arritmias cardíacas, dentre outros. Após consultar com um médico que pertencia à doutrina kardecista, esse a indicou um “centro espírita de mesa” (centro kardecista), sugerindo que manifestações espirituais eram as causadoras do seu mal-estar. Seguindo as orientações do médico, mudou-se para Belo Horizonte e passou a frequentar um centro kardecista a procura da cura. Ali, passou a incorporar entidades como preto velho e exú⁵, embora essas manifestações caracterizassem práticas umbandistas. Dona Cecília prosseguiu com sua missão espiritual não só incorporada, mas, benzina e rezava para curar mau-olhado, picada de animais, ventre virado, cobreiro, além de realizar partos.

Dona Cecília não se casou, porém, criou trinta e dois filhos adotivos como missão espiritual em uma comunidade com característica Bantu⁶. O Centro Espírita São Sebastião foi instituído por volta dos anos trinta, após o preto velho ‘Pai Cipriano’, entidade umbandista e chefe espiritual de dona Cecília, determinar a busca de meios para a fundação do terreiro.

O Reinado, prática religiosa popular da tradição Bantu, caracterizado pela louvação de povos negros à Nossa Senhora do Rosário, chega ao CESS por meio de dona Cecília, que sempre esteve envolvida nos movimentos de Reinado ou Reisado

⁴ No decorrer do texto, será utilizado ‘dona Cecília’, com grande respeito à fundadora do CESS.

⁵ Aluvaia (Exú) – n’ikse (ancestral) cultuado como o senhor dos caminhos, visto que é o primeiro a ser cultuado em um ritual no Candomblé de Angola tradição Bantu. Na Umbanda, é guardião durante as giras e as consultas/atendimentos, estabilizam o astral, cortam demanda, desfazem trabalhos, auxiliam em descarregos e desobsessões.

⁶ A comunidade de dona Cecília é composta pela Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola. Comunidade orientada pela cultura Bantu.

fazendo parte de diversas irmandades, como a do senhor Galdino, onde permaneceu até o falecimento dele, nos anos cinquenta.

O Reinado, por sua vez, traz uma conotação de filiação ancestral, propiciada pelo desamparo existencial vivido por seus devotos, desde os primórdios do Brasil colônia. Conotação que está presente na história pessoal de cada devoto, até hoje marcada, infelizmente, por mazelas e agruras. O devoto, por isso, busca conforto e orientação na tradição, devoção e fé nos santos católicos em interlocução com a matriz africana Bantu, por meio dos ritos que também servem de auxílio para a promoção de sentido existencial, via o compromisso religioso.⁷

O foco do Reinado ou Reisado é a louvação a alguns santos católicos. Com a partida do senhor Galdino, dona Cecília deu ao Reinado um caráter de responsabilidade espiritual, constituindo sua própria guarda, ainda nos anos cinquenta. A guarda foi registrada somente na década de setenta, sendo nomeada como: Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário de Pompeia. O Reinado se difere das demais manifestações do CESS porque:

O ritual segue com um cortejo, respeitando a hierarquia do reino. À frente tem-se a bandeireira; aquela que carrega o estandarte de Nossa Senhora Rosário de Pompéia. A bandeireira é resguardada pelos capitães e caixeiros, aqueles que entoam os cantos, que direcionam todo o trajeto da guarda, do reino (CESS) ao mastro. Seguida, ainda, pelos reis, rainhas, mordomos responsáveis por zelar e carregar cada bandeira. Toda a cerimônia do levantamento das bandeiras é conduzida de forma sequencial, de acordo com a tradição estabelecida ao longo dos anos. Tal liturgia culmina, sempre, num momento de confraternização, quando é servido um café com quitandas caseiras, simbolizando a fartura e o provento, abençoado por um santo negro, São Benedito.⁸

Acontece nos anos sessenta a inserção da prática candomblecista no CESS. Dona Cecília Félix dos Santos, agora iniciada no Candomblé de Angola, passa a ser chamada de Mametu Tabaladê D'Ogum (dijina / nome de tratamento na tradição), resultado da convivência com representantes desta manifestação religiosa. O CESS passa a ter suas atividades reconhecidas em todo o território regional, já que o terreiro passa a sofrer influências do Candomblé de Angola, de raiz Gomeia. Ou seja, uma das nações de Candomblé de Angola de tradição Bantu, que teve como expoente o pai de santo Joãozinho da Gomeia (João Alves Torres Filho), conhecido popularmente como o Rei do Candomblé no Brasil. Dona Cecília faleceu em abril de 2007, vítima de

⁷ SANTOS, 2015, p. 82.

⁸ SANTOS, 2015, p. 51.

falência múltipla de órgãos, deixando para seu sucessor uma casa construída sob os fundamentos Bantu.

“Define-se por tríade Bantu a prática ritualística composta por três manifestações de tradição religiosa afro-brasileira de origem de matriz africana Bantu: Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola, cultuadas no mesmo espaço, como ocorre no CESS”⁹. O fundamento da tríade Bantu do Centro Espírita São Sebastião é explicado por dona Cecília quando essa relata sua prática umbandista, candomblecista e sua genealogia religiosa a uma pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte, em 1995. Essa pesquisa teve como objetivo abordar o número de registros de terreiros existentes no município.

“Eu sou feita no santo, mas eu toco Umbanda. Eu dou festa de santo só mesmo nos dias de orixás. Sempre toquei Umbanda, isso há mais de 54 anos. Meu pai é de Angola Tumba Junçara. A minha raiz é Da Gomeia, do Rio. A djina é Tabaladê. A djina é Ogum Patacori Jazi. [...] Minha avó era Kilongirá, do Rio. Meu pai era Camarão, de São Paulo. O Candomblé chegou aqui junto com Mãe Pararás e Carlos Keto. Os baianos chegaram e começaram a iniciar o pessoal que já tinha iniciação na Umbanda em Minas Gerais. Carlos Olojukan, que é meu padrinho de santo... Tenho 30 anos de santo... Em Belo Horizonte não tinha Casa aberta. [...] Miguel Grosso, baiano, veio do Rio... Começou a movimentar essa troca toda, da Umbanda pro Candomblé.” (D. Cecília Félix dos Santos)¹⁰

As três manifestações religiosas do CESS passam a ser adotadas como estratégia por dona Cecília para “[...] garantir a sobrevivência do terreiro através de um leque maior de opções de culto e de atendimento oferecido aos seus frequentadores”¹¹. Fato esse, afirmado por seu sucessor, Guaraci Maximiano dos Santos¹², pai Guaraci. As três manifestações religiosas estão pautadas nos elementos culturais kardecistas, africanos, ameríndios e católicos.

As tradições religiosas afro-brasileiras de origem Bantu abrigadas pelo CESS implicam aos seus adeptos uma postura de compreensão da marcação de limites

⁹ SANTOS, 2015, p. 42.

¹⁰ BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Cultura. *Processo de tombamento do Ilê Wopo Olojukan (Deus mais que tudo) – nº 010915349580*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura, 1995. p. 30.

¹¹ SILVA, 1995, p. 101.

¹² Guaraci Maximiano dos Santos: mestre e doutorando em Ciências da Religião pela PUC-Minas/MG. *Tatetu Yalêmi Ria Kissimbi N’dandalunda*, iniciado no começo da década dos anos de 1970 no Candomblé de Angola de Raiz Gomeia, rei de congado e umbandista. Psicólogo, especialista em Psicanálise e Direito Público, membro da Comissão de Espiritualidade, Laicidade, Religião e Outros Saberes Tradicionais – CLEROT, do Conselho Regional de Psicologia (CRP/04) e do Fórum Inter-religioso contra a Violência e a Discriminação da Pastoral PUC-Minas.

imposta por cada manifestação no mesmo espaço. As três manifestações religiosas de tradição afro-brasileira encontradas no Centro Espírita São Sebastião serão apresentadas com a intenção de compreender melhor o posicionamento dessas em um mesmo ambiente.

A umbanda: a crença na incorporação

Etimologicamente, Umbanda é um vocábulo que decorre do umbundo e do quimbundo, duas línguas africanas, que exprimem como significado “ciência médica”, “arte de curandeiro”, “medicina”. A umbanda é uma religião constituída por fundamentos, teologia própria, hierarquia, sacerdotes, além dos sacramentos. Entretanto, Silva¹³ define a palavra Umbanda ora como feiticeiro, adivinho, médico, chefe supremo do culto, ora como espaço de macumba.

É possível encontrar algumas versões sobre a origem da Umbanda no Brasil. O mais conhecido e difundido em trabalhos acadêmicos ou não, é a história de Zélio de Moraes. Segundo Ademir Barbosa¹⁴, a história do jovem Zélio Fernandino de Moraes, que ocorreu em 1908, em Neves, no Rio de Janeiro, apesar de já ser reconhecida naquela época atividades religiosas semelhantes ou próximas chamadas de “macumba”. Nessa época, Zélio, com dezessete anos começou a apresentar supostos ataques que o colocava na postura de um velho que teria aparentemente vivido em outra época, porém, em outros momentos parecia um felino que conhecia bem a natureza.

As primeiras sessões aconteceram em sua casa no Rio de Janeiro, na rua Floriano Peixoto, n.º 30. Uma multidão sempre aguardava pelo atendimento do lado de fora. Muitos procuravam a cura, conforto e o reconhecimento de não serem loucos e sim médiuns como Zélio. Em 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas (entidade de Zélio) recebeu ordem da Espiritualidade para fundar sete tendas. Durante a vida de Zélio de Moraes, foram fundadas além das sete primeiras tendas, mais dez mil outras.

¹³ SILVA, 1995, p. 167.

¹⁴ BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *O livro essencial de Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2014. p. 20.

As sessões contavam com cânticos baixos e harmoniosos, sem palmas ou atabaques, sem adereços, vestimenta branca e sem corte (sacrifício de animais). O médium pautava-se na doutrina com base no Evangelho, banhos de ervas, amacis e os pontos da natureza. Outros elementos com o tempo foram incorporados ao culto, como as palmas, o toque e o canto, algumas casas começaram a praticar o corte tornando diferente a Umbanda dita tradicional e as casas que utilizam de tal prática. As sessões eram públicas e gratuitas. Zélio Fernandino de Moraes faleceu no dia 3 de outubro de 1975, após sessenta e seis anos de dedicação à Umbanda¹⁵.

Vagner Gonçalves da Silva relata sobre a versão de Zélio de Moraes que, “[...] embora significativa para a história, não permite, entretanto, que possamos identificá-lo como o primeiro centro dessa religião”¹⁶. Para Silva, é improvável que a umbanda tenha se formado de um único terreiro irradiador.

Outra versão que pode ser citada é a de Benjamim Figueiredo. Segundo Bruno Rohde¹⁷, Benjamim Figueiredo é apontado como um dos primeiros kardecistas em uma sessão de mesa branca, incorpora o espírito do caboclo Mirim, um índio brasileiro. A rejeição dos demais kardecistas por considerarem um espírito impuro, desliga Benjamim de seus trabalhos dentro dessa religião, permitindo com que sob orientação do caboclo Mirim fundasse a Tenda Espírita Mirim, em 1924, no Rio de Janeiro. “Neste novo centro, sob a orientação do Caboclo Mirim, ele poderá praticar a caridade de uma forma mais brasileira, isto é, próxima às camadas baixas da população”¹⁸.

¹⁵ A história de Zélio, se assemelha com a história de vida de dona Cecília. Crises, desmaios e atendimentos em sua própria casa. Entretanto, vale a pena ler a dissertação de mestrado de DELGADO, David Dias. *Cruzes e encruzilhadas: sincretismo e identidade nos terreiros de umbanda no eixo Rio – São Paulo*. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/26521/1/David%20Dias%20Delgado.pdf>. Acesso em: 14 out. 2022.

¹⁶ SILVA; Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 5. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005. p. 113.

¹⁷ ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma Religião que não *Nasceu*: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. *Revista Estudos da Religião*, São Paulo, p. 77-96, 2009. p. 81. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

¹⁸ ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 42.

No Centro Espírita São Sebastião, a Umbanda reverencia o culto à ancestralidade, ou seja, a crença dos espíritos desencarnados que se colocam a serviço da humanidade aflita¹⁹. Espíritos de negros e índios incorporam (fenômeno mediúnico) através dos corpos dos médiuns que servem à casa para realizar seus trabalhos. Pode-se definir médiuns como àqueles “que possuem a faculdade espiritual de entrar em transe, de comunicação e manifestação com os espíritos e divindades do panteão umbandista”²⁰.

No CESS, não há incorporação de *Minkise* (inquices) durante as sessões umbandistas, o que ocorre é a manifestação de falanges (agrupamentos de espíritos) que trabalham sob ordem dessas divindades. Cada sessão é direcionada a uma das entidades: pretos-velhos, meninos de Angola, caboclos, boiadeiros, marinheiros, exus, pombagiras. Uma ritualística prevê o toque dos atabaques que ministra os pontos cantados e riscados, o movimento dos médiuns que balançam o corpo e batem palmas ao som da voz do ogã (aquele que toca o atabaque), um movimento quase que ensaiado. Ao som do sininho tocado pelo sacerdote da casa, nota-se a chegada das entidades que incorporam nos médiuns que estão a trabalho. Na Umbanda, a hierarquia “[...] depende da capacidade de liderança religiosa dos médiuns e de seus guias espirituais”²¹. Todos os médiuns antes dos rituais realizam seu banho de descarrego, vestem-se de branco (vestimenta igual a todos: homens usam calça e blusa, enquanto as mulheres, saia e bata) e carregam suas guias no pescoço. São orientados a abstinência de bebidas alcoólicas, sexual e alimentar para executarem um bom trabalho mediúnico.

No CESS há o assentamento da esquerda, localizado ao lado esquerdo do portão de entrada, esse seria a casa ou o canto de exus e pombagiras considerados os guardiões do lado externo do terreiro. São eles que não permitem energias ruins ultrapassarem o portão. Do lado direito encontram-se a casa de Kitempo, Katendê, Caboclo e a casinha das almas.

¹⁹ OLIVEIRA, Irene Dias de; JORGE, Érica Ferreira da C. Espiritualidade umbandista: recriando espaços de inclusão. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 29-52, jan./mar. 2013. p. 36. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n29p29/5085>. Acesso em: 11 nov. 2014.

²⁰ SANTOS, 2015, p. 44.

²¹ MORAIS, Mariana Ramos. *Nas teias do sagrado*: registro da religiosidade afro-brasileira em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Ampliar, 2010. p. 101.

As defumações ocorrem como forma de harmonizar o ambiente, os médiuns da corrente, os consulentes respectivamente, para que os trabalhos possam ocorrer de maneira harmônica. Começa de dentro para fora até chegar no portão levando todas as energias negativas embora. As velas permanecem acesas em alguns pontos específicos até o final da sessão. Preces como Ave-Maria, Pai-Nosso, prece de Cáritas são feitas em momentos diferentes e bem específicos.

A marca do sincretismo religioso²² está bem visível no peji (altar) com a presença de imagens católicas, elementos ameríndios, arcos, flechas, estátuas de índios e caboclos e representações africanas. Ainda pode-se observar indumentárias que fazem referência ao Candomblé de Angola como: escudo, espada, leque, machado, além de estandartes, bandeiras, bastões, capa e coroas da tradição do Reinado. A Umbanda representada pelo CESS é uma manifestação híbrida orientada pela herança cultural afrodescendente que mantêm fortes laços ainda associados à sua origem.

O Reinado: Nossa Senhora do Rosário de Pompeia

O Centro Espírita São Sebastião ainda abriga em sua casa o Reinado, que passa por dois momentos de louvação. O primeiro é destinado à Nossa Senhora do Rosário de Pompeia e a outros sete santos: São Sebastião, Santo Antônio, São Jorge, São Benedito, Santa Efigênia, Santa Luzia e Nossa Senhora Aparecida, que têm suas bandeiras hasteadas na área externa do CESS no primeiro fim de semana do mês de outubro. O segundo momento acontece no último fim de semana do mês de novembro, na celebração à Nossa Senhora das Graças, homenageando também outros seis santos: Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, São Pedro, Santo Expedito e São Bento.

Os ritos são iniciados com quinze dias de antecedência à data da realização da festa. Nesse período, há novenas que são guiadas pelos adeptos do terreiro que representam os reis, rainhas e membros da guarda durante os festejos. As novenas são abertas ao público. A bandeira da santa Nossa Senhora do Rosário de Pompeia

²² Tendo em vista o campo religioso brasileiro, o sincretismo marcou e ainda marca as interações e interseções entre as religiões.

é celebrada e hasteada como forma de aviso à comunidade sobre a existência do festejo. Durante o hasteamento das bandeiras entoam-se cânticos como forma de oração.

No dia da festividade, as orações são puxadas pelos capitães, sendo respondidas pelos participantes da guarda acompanhados por instrumentos, como tambores, gungas (latinhas com sementes amarradas nos tornozelos) e patangômes (instrumentos de percussão) tocados pelos caixeiros e dançantes.

O ritual segue com um cortejo, respeitando a hierarquia do reino. À frente tem-se a bandeireira; aquela que carrega o estandarte de Nossa Senhora Rosário de Pompéia. A bandeireira é resguardada pelos capitães e caixeiros, aqueles que entoam os cantos, que direcionam todo o trajeto da guarda, do reino (CESS) ao mastro. Seguida, ainda, pelos reis, rainhas, mordomos responsáveis por zelar e carregar cada bandeira.²³

Ao final do cortejo, é compartilhado um café abençoado por São Benedito, com quitandas caseiras, significando fartura e proventos. No decorrer da celebração, outras guardas vão chegando e adentrando o barracão, tocando seus instrumentos e entoando cânticos e dando sentido ao festejo. É servido um almoço a todos os participantes da celebração, simbolizando a Santa Ceia da tradição católica. O almoço é servido em uma grande mesa, local que é ocupado pelos reis e rainhas que representam o santo de devoção. Os capitães e dançantes ficam numa posição informal.

Após o almoço, ocorre a procissão pelos arredores do CESS. A procissão acontece pelas ruas adjacentes (Itajubá, Godofredo de Araújo e São Lázaro). Os fogos de artifícios sinalizam o momento da procissão, quando são guiados os andores da Senhora do Rosário e de São Benedito. A procissão torna-se uma forma de legitimação e interação social deste grupo. Ao final da procissão, ocorre uma missa conga, diferente do ritual católico, respeitando um modelo²⁴ da tradição afrodescendente, o Reinado. A guarda de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia

[...] orienta-se para a missa a partir de uma programação própria. Que traz em si pontos, como o ofertório da água, do fogo, da terra e do ar, os cânticos de comunhão de agradecimento, bem como de entrada e saída do local de celebração, todos acompanhados por instrumentos de percussão. A missa

²³ SANTOS, 2015, p. 51.

²⁴ Existe nos arquivos do Centro Espírita São Sebastião o modelo de documento (programação) para realizar a missa Conga da Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário de Pompeia.

tradicional nos festejos do rosário no CESS, atualmente, é feita em seu interior.²⁵

Ao final da missa, as guardas visitantes e do CESS e os demais membros da comunidade retornam à mesa para o jantar. Os cânticos entoados acompanhados pelos instrumentos de percussão e os agradecimentos dão a sensação de dever cumprido. Na sequência, retornam ao barracão (CESS) para a “descorção” (entrega das coroas). A carga emocional é percebida através do choro, da alegria que são manifestadas por todos que ali estão.

Os festejos só terminam uma semana após o dia da missa com o “descimento” das bandeiras. Assim, os altares, andores e mesas são desfeitos. As coroas, os bastões e as espadas voltam a seus lugares de origem, enquanto as bandeiras são recolocadas na parte superior dos pejis menores, onde ficaram até o próximo festejo.

O Candomblé de Angola: O poder dos *Minkise*

O Candomblé de Angola do CESS é guiado pela hierarquia própria da tradição, ou seja, “no candomblé, existe uma hierarquia que deve ser estabelecida conforme o tempo de iniciação de cada participante”²⁶. A casa ainda sustenta o preceito e os segredos da religião, elementos fundamentais a essa manifestação religiosa.

A via de ingresso ao Candomblé de Angola do CESS é a iniciação, ou seja, o médium deixa de ser *N'dumbe* (aquele que não é iniciado) e passa pelo processo iniciático recebendo ao final o nome de filho-de-santo.

[...] a importância de pertencer a uma linhagem advém, portanto, do reconhecimento público da legitimidade da iniciação e do sacerdócio. E mais ainda, no candomblé acredita-se que só possui e pode passar ‘axé’ (força vital) aqueles que o receberam, isto é, que foram iniciados por pessoas também iniciadas. O conhecimento da genealogia mítica de cada membro ou grupo atestaria a ininterruptão da transmissão do axé através das gerações. Pertencer a uma linhagem de um terreiro renomado e antigo é sinal de prestígio pela ‘qualidade’ do axé que se recebe e se transmite.²⁷

²⁵ SANTOS, 2015, p. 54.

²⁶ MORAIS, 2010, p. 101.

²⁷ SILVA, 1995. p. 114.

O processo iniciático do CESS ocorre a partir do ato de bolar no santo. O médium entra em transe e é levado para o quarto de descanso onde será acordado e informado da necessidade de iniciação. Para que o processo ocorra, fatores econômicos e sociais devem ser vistos e administrados. Aqueles que ficam impossibilitados financeiramente ou por fatores sociais de fazer o santo, são indicados a realizar um bori (primeiro ritual de iniciação). Não havendo nenhum contratempo, o pai ou mãe-de-santo consulta o jogo de búzios para averiguar possíveis impedimentos e quais ebós (oferendas, sacrifícios e/ou sacralizações aos ancestrais) são necessários antes do recolhimento da pessoa na casa para o processo de iniciação.

Antes de ser confinado na camarinha (quarto de santo, quarto de recolhimento), deve ser providenciado pela pessoa que irá iniciar o enxoval do santo, bem como o sustento daqueles que estarão em trabalho durante esse período. O recolhido permanece por vinte e um dias, purificando o corpo, aprendendo as práticas e rituais religiosos confinado na camarinha. Durante esse período também é realizado o assentamento do *N'kise* e o ibá (recipiente composto por objetos sagrados e sacralizados nos rituais de iniciação). O assentamento, o ibá e a cabeça do adepto recebem menga (sangue) da sacralização dos animais, bem como os aberês (incisões, cortes feitos com navalha). Os aberês representam o fechamento do corpo.

[...] são feitos na cabeça, na região da moleira, por onde se acredita entrar o espírito do orixá e onde será posicionado o 'oxu' (espécie de amálgama feito com elementos vegetais e sangue, em forma de cone). Também na língua, (aqui simbolicamente ou não), braços, costas, peito e sola dos pés são feitas essas marcas. Tradicionalmente devem ser feitas com uma navalha sacralizada que o pai-de-santo recebeu por ocasião de seu 'deca'.²⁸

Após a iniciação, o *N'dumbe* passa a ser chamado de muzenza (noviço do candomblé) e carrega no pescoço o quelê (colar de miçangas) que simboliza a aliança com o seu sagrado. O muzenza sai da camarinha para três apresentações à comunidade do terreiro e aos consulentes que frequentam o terreiro. A primeira saída é denominada, Saída de Oxalá. O muzenza sai excorporado²⁹ (ou seja, é externalizado o *N'kise*), trajando vestimentas brancas e carrega no pescoço as guias

²⁸ SILVA, 1995, p. 133.

²⁹ O termo excorporado, foi utilizado em respeito à casa pesquisada, já que seus adeptos e sacerdote fazem uso desse para distinguir do termo incorporação. A incorporação necessita de um corpo para atender a entidade (de fora para dentro). Já a excorporação, coloca para fora a energia que vive dentro do médium.

de Oxalá (contas brancas). Na segunda saída após sete dias, ele sai com vestimentas de chita carregando no pescoço, além das guias de Oxalá, as guias que representam seu santo. A última saída denominada de Rum, é considerada a festa final. O muzenza se apresenta a todos que se encontram no terreiro com seu traje do santo. É nesse momento que todos reverenciam o nascimento de um filho-de-santo.

Destaca-se que nem todos os cargos de uma casa de Candomblé passam pelo mesmo processo de iniciação. Santos (2015, p.56) ressalta que, “Tatas Kambondos, Macotas e Cotas são cargos masculinos e femininos, respectivamente, que auxiliam nos rituais e organização dos Candomblés de Angola”³⁰. Estes, não entram em transe e seu processo iniciático é diferente de um muzenza.

O Muzenza, após a iniciação, ainda terá um caminho a ser percorrido para chegar a sua maior idade no Candomblé. Ele dará obrigação ao cumprir um, três e cinco anos de feitura como sinal de confirmação. Aos sete anos esse passará por uma ritualística chamada Decá (obrigação de sete anos), que confere ao muzenza o título de sacerdote ou sacerdotisa no Candomblé de Angola. Embora, já ser considerado Tatetu (pai) ou Mametu (mãe), o graduado no início do sacerdócio ainda será acompanhado por um mais velho para auxiliá-lo nos primeiros trabalhos.

Ao completar vinte e um anos de iniciação, ocorre uma ritualística interna, que prevê a participação de sacerdotes mais velhos e de todos os iniciados que possuem cargo e idade na tradição Bantu. O Centro Espírita São Sebastião preocupa-se na organização estruturalmente de seus ritos públicos quando se trata de horários para poder atender a todos, preservando assim, o bom convívio social, a segurança e o conforto dos seus frequentadores.

A legitimidade da tríade Bantu do Centro Espírita São Sebastião (CESS)

No Centro Espírita São Sebastião (CESS), as três tradições religiosas afro-brasileiras de matriz Bantu (como são chamadas por seu sacerdote), Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola convivem de forma harmônica e respeitosa no que tange as diferenças e as especificidades de cada uma. As características espirituais

³⁰ SANTOS, 2015, p. 56.

de cada manifestação são preservadas, bem como sua ritualística. Mesmo convivendo no mesmo espaço geográfico, essas legitimaram suas identidades permitindo que seus adeptos e seus simpatizantes entendessem a liturgia singular de cada manifestação.

Essa legitimidade se estabeleceu por meio da herança da raiz tradicional africana Bantu. Percebe-se que elas possuem um eixo comum, a orientação pela ancestralidade e a relação com o ciclo vital, sendo esses princípios norteadores da tradição Bantu. Assim como também o compromisso, a interlocução e a construção de saberes, Aurino Góis afirma que:

Reinado, Candomblé e Umbanda são manifestações religiosas consolidadas. Apresentam rituais específicos e elaborados que os caracterizam e os diferenciam, tanto entre si, quanto em relação à matriz hegemônica cristã da sociedade brasileira. Desse modo, podemos dizer que a característica que nos autorizaria a afirmar uma determinada expressão religiosa como sendo de matrizes africanas seria a presença de elementos e símbolos específicos, a saber, aqueles que apresentam uma síntese resultante do processo de sobrevivência e de auto-preservação [*sic*] cultural dos africanos escravizados no Brasil.³¹

A prática dos ritos no mesmo espaço sagrado acontece em momentos distintos seguindo um calendário já pré-elaborado anualmente pela casa. A Umbanda realiza sessões com entidades como exu, pretos-velhos, marinheiros, meninos de Angola, boiadeiros, caboclos, onde todos os adeptos da casa participam incorporados ministrando passes e aconselhando aos consulentes que desejam a consulta.

Já no Candomblé de Angola, a louvação aos *Minkise* possui uma dinâmica totalmente diferente da Umbanda. Nem todos da casa são iniciados, porém, todos participam da grande roda que se forma após a entrada no barracão ao som dos atabaques. Os filhos-de-santo entram vestidos com roupas coloridas de acordo com seu *N'kise* formando a fila por ordem de idade de feitura (iniciação no Candomblé), ou seja, o mais velho de iniciação sempre estará à frente.

O Reinado acontece o ano inteiro, com pequenas ações que passam muitas vezes despercebidas pelos simpatizantes. Entretanto, a festividade que marca a

³¹ GÓIS, Aurino J. *O candomblé e a umbanda na cidade de Contagem, Minas Gerais: espaço e território*. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011. p. 71.

todos, acontece uma vez por ano, no dia 12 de outubro. Alguns adeptos participam paramentados como reis e rainhas. Uma pequena parcela da comunidade do CESS fica com os afazeres da cozinha e dos trabalhos em geral do barracão para atender todos os visitantes. A guarda da casa tem lugar de honra na festividade. Esses são servidos primeiro e sentam-se à mesa junto com os reis e rainhas.

Dessa forma, “[...] as identidades religiosas se revelam em complexos sistemas de representação, marcados por gestos, ritos e formações discursivas simbólicas”³². A oralidade e o sincretismo marcam as práticas religiosas abrigadas pelo CESS remetendo ao vínculo original com a cultura Bantu. Também “evidenciam um verdadeiro adequar-se, interagir, em nome de um contínuo da existência desta religiosidade sustentada pela tradição Bantu, em face das demandas de interlocução religiosa precipitadas na atualidade”³³.

Dessa forma, a legitimidade da tríade Bantu sinaliza uma relação devocional, que além de ser orientada e justificada, traz a correlação e o interagir com o outro propiciando aprendizado que reforça as práticas do compromisso das manifestações apresentadas.

Considerações finais

O artigo teve como eixo norteador entender como três manifestações distintas da tradição Bantu – Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola – podem ser cultuadas em um mesmo espaço sagrado sem “contaminar-se” pelas diferentes identidades. Buscou-se através da ação litúrgica compreender suas vivências e suas práticas religiosas para traçar a conclusão que se segue.

Compreende-se que o povo Bantu acredita que através dos antepassados estabelece um elo entre o mundo espiritual e o mundo humano. Acreditam que Deus seja o poder maior. Acreditam no mundo invisível e em seus habitantes, bem como na influência sobre suas vidas. Afirmam que a vida continua após a morte, e na relação

³² CANTARELA, Antônio G.; PANASIEWICZ, Roberlei. Identidades religiosas no mundo plural: no imaginário de O outro pé da sereia, de Mia Couto. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n. 45, p. 163-187, jan./mar. 2017. p. 164. Disponível em: <https://14113-Texto do artigo-51461-3-10-20170402.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.

³³ SANTOS, 2015, p. 64.

que os mortos têm com os vivos, enquanto entidades espirituais. Se organizam social e religiosamente estabelecendo referência e reverência com seus antepassados. Dessa forma, a tríade Bantu organiza-se dinamicamente, demonstrando interesse pela continuidade de suas práticas religiosas e permanência no espaço sagrado remetendo sempre a um denominador comum, “à noção de ancestralidade” pela dimensão espiritual.

Portanto, pode-se afirmar que a Umbanda no CESS é uma manifestação híbrida de religiosidade popular brasileira, sendo pautada pela herança cultural afrodescendente, mantendo fortes vínculos de identidade originados na matriz africana Bantu. O Reinado possui um compromisso pautado na questão étnica sendo orientado pela ancestralidade, prezando pela existência humana devota aos santos católicos, embora mantenha costumes da tradição Bantu e o compromisso com o outro. Já o Candomblé de Angola no CESS é circunscrito e legitimado por meio de interdições, codificações e sincretismos. Ele permite a significação de identidade aos seus seguidores.

Conclui-se que a estratégia de dona Cecília para garantir a “sobrevivência” do terreiro fica patente na análise das três tradições religiosas habitando o mesmo espaço sagrado. Essa permite a ampliação do público frequentador, quando esse pode praticar a religião de sua preferência. Ainda é possível dizer que as três práticas religiosas conseguem sobreviver no mesmo território escalonando seus ritos e sua liturgia. As três tradições se complementam, se mesclam e se relacionam sem ferir as identidades pautadas na matriz africana Bantu.

O Centro Espírita São Sebastião mantém suas portas abertas aos mais diversos públicos, que buscam em todas ou em alguma das três tradições religiosas, uma forma de amenizar a dor, aumentar a fé, se direcionar, compreendendo que as manifestações de matriz Bantu estão para servir o outro com respeito e responsabilidade.

Referências

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *O livro essencial de Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Cultura. *Processo de tombamento do Ilê Wopo Olojukan (Deus mais que tudo) – nº 010915349580*. Belo Horizonte: Secretaria de Cultura, 1995.

CANTARELA, Antônio G.; PANASIEWICZ, Roberlei. Identidades religiosas no mundo plural: no imaginário de O outro pé da sereia, de Mia Couto. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n. 45, p. 163-187, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://14113-Texto do artigo-51461-3-10-20170402.pdf>. Acesso em: 11 maio 2021.

DELGADO, David Dias. *Cruzes e encruzilhadas: sincretismo e identidade nos terreiros de umbanda no eixo Rio – São Paulo*. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/26521/1/David%20Dias%20Delgado.pdf>. Acesso em: 14 out. 2022.

GÓIS, Aurino J. *O candomblé e a umbanda na cidade de Contagem, Minas Gerais: espaço e território*. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011.

MORAIS, Mariana Ramos. *Nas teias do sagrado: registro da religiosidade afro-brasileira em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Ampliar, 2010.

OLIVEIRA, Irene Dias de; JORGE, Érica Ferreira da C. Espiritualidade umbandista: recriando espaços de inclusão. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 29-52, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n29p29/5085>. Acesso em: 11 nov. 2014.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma Religião que não *Nasceu*: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista. *Revista Estudos da Religião*, São Paulo, p. 77-96, 2009. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_rohde.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

SANTOS, Guaraci Maximiano dos. *Umbanda, Reinado e Candomblé de Angola: uma tríade Bantu na promoção da vida responsável*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2015.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Orixás da metrópole*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA; Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 5. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.